ARQUEOLOGIA
P/ QUEM!

NARRADORES DE BEIRA-RIO

O CABEÇA DE CUIA E OUTRAS HISTÓRIAS-RIO DO SERTÃO PIAUIENSE

Tertuliana Lustosa[1]

"Eu gosto do absurdo divino das imagens."
(Manoel de Barros)

"Heaty twueaiko/ I he anamawamuitedjemuk/
I he djmukatwueaiko/ He anamawanupe"[2]
(TapixiGuajajara)

Resumo: A partir de histórias orais contadas pela minha família na cidade de Corrente, extremo sul do Piauí, mergulhei numa pesquisa sobre imagem-movimento, corpo, oralidade e diáspora no sertão piauiense, pelos seus rios. A forma do texto se dividiu em duas partes: uma primeira como reescrita do ensaio "O Narrador" de Walter Benjamin e em seguida um diário sobre a minha viagem a Teresina e a São Raimundo Nonato, compondo três cidades do mesmo estado. Os rios que banham essas cidades são: o rio Corrente, diretamente ligado a minha família e a suas vivências em habitações ribeirinhas de Corrente, o encontro do rio Parnaíba com o rio Poti, que acumula o imaginário sobre o Cabeça de Cuia, e, por fim, o rio Piauí, que é seco na maior parte do ano e que guarda nas suas beiras alguns dos sítios arqueológicos e pinturas rupestres mais antigos da América, na Serra da Capivara, município de São Raimundo Nonato. Durante toda a pesquisa são articuladas questões como: passado e presente, conhecimento oral e ciência, efemeridade e história, ancestralidade indígena e seus desdobramentos contemporâneos.

[1]Tertuliana Lustosa é pesquisadora, DJ e produtora de Funk 150BPM, professora de literatura, artista visual, cordelista e escritora. Ministra a oficina Escritos Trans no COART/UERJ, tendo iniciado como professora em 2015 no PreparaNemRJ, pré-vestibular para pessoas LGBT com foco na população T. Publicou o ensaio "Manifesto traveco-terrorista" na Revista Concinnitas e o ensaio "A lenda da trava leiteira" na Revista Periodicus, o conto "O narrador de Xangô" no livro "Tertúlia" e organizou o livro "Y" (2018) pela EdirotaOutraLiteratura. Participou das exposições coletivas: "os corpos são as obras", 2017, na Despina, e "A retomada da imagem será a presença", 2018, na Galeria Oriente. Sua arte e pesquisa articulam palavra escrita e oralidade, arte contemporânea e arte popular. É graduanda no curso de História da Arte na UERJ. Nascida cidade de Corrente Piauí, crescida em Salvador BA e Teresina PI. É redatora do site www.outraliteratura.com.br

[2] Tradução por Urutau Guajajara: "Estou sozinha e longe/ Dos meus parentes;/ Sinto-me forte/ Para o meu povo".

INTRODUÇÃO

Um rio deságua em outro. A palavra de expressividade gestual, quando dança sem pré-formulações coreográficas, me marcou em algumas leituras, que me atravessaram por meio de figuras-cintilações, seja quando vividas pessoalmente, seja em suas personagens criadas. Assim foi quando me deparei com as invenções e *estórias* de Guimarães Rosa, com os contos-labirintos de Jorge Luis Borges, com a materialidade do livro-trabalho-final-de-graduação de Matheus Krust Zarabatana[3], com a palavra lida em camada à palavra rasgando a pele durante a qualificação de doutorado de Sara/Elton Panamby[4]. Foram experiências que vi ou que pude imaginar. E é sobre essa dobra vivência-imaginação que, de diferentes pontos as muitas histórias e processos de automitologia – e modificação corporal – me despertaram fulgurações.

A imaginação acontece na fogueira. Na fogueira: assombrações dos rios contados pelos adultos na infância, os espíritos da floresta que ouvi Aldeia Maracanã sem compreender muito bem, pela simultaneidade de vozes dissonantes. O corpo não separado do fazer poético encontra na sua posição perspectiva diante do mundo a singularidade da sua experiência/trajetória. Comecei a ser enquanto gênero por meio também da escrita: teci uma nova possibilidade de mim, *Sertransneja*. Então reescrevi o "Manifesto Contrasexual", e depois fiz algumas reduções de parâmetros e pontos até chegar à formula do ensaio publicado pela Concinnitas (LUSTOSA, 2016). Publicação é fotografia e o que eu me propus quando iniciei o "Manifesto Traveco-terrorista" foi escrever sem saber que tipo de texto teria como resultado[5].

[3] Sua personagem-persona cria e reinventa – memória e invenção, inseparadas – *estórias* da infância e do espelho – cuja imagem se transforma em fantasma – ou quando a família assoreia o "eu" com determinações e implicâncias. Esse "eu", repentinamente, transforma objetos em contos e também a forma de estar nos rituais acadêmicos. (KRUST, 2018)

[4] A palavra que interfere no corpo pude vivenciar também na escrita da minha elaboração sobre o que chamei de "traveco-terrorismo", época em que escrevi em carne quente, quando sofri alguns tipos de violências pela primeira vez e quando dr. Elton desenhou a cuceta no meu ânus. (SILVA, 2016)

[5] Uma sensação de liberdade parecida encontrei nos escritos de Michele Mattiuzi, de Sara/Elton Panamby e de Matheus A. Krust Zarabatana, por exemplo.

Pôr um livro ao lado do outro e... embaralhar, embaralhar até que virem novos livros[6]. Borges profanava tradições e os amontoados de uma cultura da palavra escrita, criava pecados literários em suas ficções metalinguísticas. Foi partindo dessa vontade de reescrever escritos que me marcaram, que revisitei o ensaio "O Narrador"[7] de Walter Benjamin, o que me possibilitou caminhar em constelações críticas, através de um pensamento por imagens cintilantes. Por fim, como desdobramento, produzi também um diário sobre a minha viagem a Teresina e a São Raimundo Nonato, que nutriu o texto de imagens e experiências, que me fez também reescrever o que já havia iniciado.

Debruçar-se sobre minhas escrevivências e sobre o escrito de Benjamin, Kopenawa, Hija de Perra, Borges, Preciado me aguçou o olhar e, na pesquisa e vivência aqui levantadas, me levou a pensar questões sobre a escrita, e também sobre os seus estados como imagem, desenho, cor – e incluindo a palavra, oral e escrita. As formas de escrita manual e suas imagens[8] me levaram a pensar também a escrita oral e suas imaginações, que, pela entonação, pela voz, pelo movimento do corpo são capazes de criar imagens, de demonstrar intencionalidades, de testemunhar gestos ancestrais. Das palavras orais, as que escolhi para iniciar uma vasculha corpo-imaginativa foram as ditas na casa da minha avó, que eu antes chamava de lendas mas que fui percebendo como esse termo feria minhas próprias concepções sobre história, verdade, sertão, oralidade. A palavra tem poder, seja na arte, seja na espiritualidade, seja nas ciências... E esse poder me fez problematizar

[6] "O universo estava justificado, o universo bruscamente usurpou as dimensões ilimitadas da esperança." (BORGES, J., 2007, p. 74).

[7] O alemão Walter Benjamin é associado à Escola de Frankfurt, filho de judeus, viveu de 1892 até 1940, tendo uma curta e prolífera carreira intelectual. Em seu ensaio, publicado em 1936, O Narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov, Benjamin analisa, de uma perspectiva materialista, o desaparecimento da figura do narrador e da própria narração frente a uma sociedade em crescente processo de industrialização. Para o autor, é fruto dos tempos o desaparecimento da arte de narrar, entretanto a figura de Leskov é salva no sentido de manter qualidades típicas que caracterizam o narrador. Leskov vai ressaltar aspectos como a vivência e o escrever associado ao fazer manual, não a uma arte liberal. Na minha discussão, encontro nas narrativas de Davi Kopenawa, bem como nas ficções de Jorge Luis Borges e de Guimarães Rosa essas possibilidades narrativas que fissuram e fazem pensar sobre a narrativa numa sociedade latinoamericana pós-colonial, problematizando um discurso que retrate a cultura indígena na preservação do seu passado pré-colonial, sem considerar sua tradição como vivam em constante transformação.

[8] "A moderna grafologia ensinou-nos a identificar na escrita manual imagens, ou antes, quebra-cabeças, que o inconsciente do seu autor nela oculta." (BENJAMIN, 2012, p.121).

o seu uso, me fez questionar as ideias de lenda, de história e de pré-história, de cultura...

Estávamos reunidas na cozinha, eu, mainha, minha avó e minha tia. Liguei o gravador do celular quando percebi que elas começaram a contar histórias dos rios do Piauí, assunto que surgiu dos comentários sobre a viagem que em breve faríamos da cidade de Corrente para a Lagoa do Parnaguá.

> TERTULIANA – Uma mulher engravidou...
>
> HELENA- ...engravidou. Uma mulher sem casamento engravidou. E aí ela não queria que os pais soubessem. Ela escondeu a gravidez o tempo todo e quando foi ter o menino, ela foi lá neste lugar que era um brejinho.
>
> MARCIA – A lagoa.
>
> HELENA – Ela foi pra lá, teve o menino e jogou dentro de uma cacimba.
>
> MÁRCIA – Aí virou a lagoa.
>
> HELENA – E virou a lagoa.
>
> TERTULIANA – E qual é o nome da lagoa?
>
> MARCIA – Nós vamos conhecer a Lagoa de Parnaguá.
>
> TERTULIANA – Lagoa de Parnaguá.
>
> DAYSE – E aí contavam que esse menino havia envelhecido, que aparecia barbudo.

HELENA – Os pescadores quando dava a meia noite diziam que às vezes viam o velhinho andando de canoa na lagoa.

A história é interrompida pra resolver assuntos de comida e foi quando também programamos, eu e a minha mãe, a viagem para a Lagoa de Parnaguá.

DAYSE – Quando encontrava o rio Poty com o rio Parnaíba, as águas ficavam muito fortes e tinham um redemoinho. E quando não tinha iluminação lá, quando era noite lua cheia, as crianças da região saíam e iam tomar banho lá nesse lugar onde era mais fundo, onde era interessante tomar banho. E sempre morria uma criança. Então a mãe criou uma história desse monstro que tinha surgido de uma criança que tinha morrido, de um pescador quando tinha ido pescar e estava muito pobre e não tinha o que comer. Quando voltou não tinha conseguido nada e quando ele chegou em casa, a mãe tinha feito uma sopa de osso. Ele estava altamente estressado, porque ficou no sol muito tempo, então ele pegou esse osso e bateu na mãe. Ela já era velha e caiu desmaiada, mas quando caiu ela o amaldiçoou, disse que ele tinha matado ela, mas que ele ia viver como um monstro, e que ele ia ficar assustando as pessoas lá no encontro dos rios, do rio Poty com o rio Parnaíba. Na verdade é uma história que as mães por não ter poder em controlar os filhos pra não irem pro rio, criaram essa história. A cidade foi crescendo, a história vai crescendo junto com o povo, e as pessoas passaram a ter medo disso. Quando era noite de lua cheia ninguém tomava banho no rio.

TERTULIANA – Mas a continuação que eu soube é que a maldição que ela deu foi que ele ia ficar com a cabeça grande e que ele ia ter que comer seis crianças...
DAYSE – "Você vai ser um monstro, você vai aparecer com a cabeça enorme", isso amaldiçoando.

MARCIA – É com medo da criança tomar banho, a mãe criou justamente para isso.
DAYSE – "Você vai matar sete Marias".

TERTULIANA – Sim, sete Marias... sim!

DAYSE – Pra quê elas contavam a história, as mães? Pra que as meninas não fossem tomar banho no rio. Então as meninas não iam tomar banho no rio porque tinham medo de ser devoradas pelo monstro.

TERTULIANA – Já temos aqui uma história de correntemilk...

(LUSTOSA, 2017, p.111-113)

O autor alemão Walter Benjamin encontra a virtude narrativa nas escritas que menos se distinguem da oralidade. A distância programada entre fala e palavra está inserida numa lógica binária autonomista, negando a experiência em sua circulação entre diferentes campos do conhecer, do imaginar-se. Escrever é agir diante do mundo de quem escreve e de quem lê e de quem se afeta pelos dispositivos instaurados pela escrita, que não orbita apenas no espectro da publicação em forma de livro, ou do campo da literatura.

Atrás da narração, o narrador, que Benjamin sintetiza em duas figuras: o marinheiro comerciante e o camponês sedentário. Em 2017, publicado pela Revista Periodicus, discuti no ensaio "A lenda da trava leiteira" a proposta que me havia feito: a de criar uma entidade do Rio Corrente, inventada, que seria uma figura transe. Acabei não escrevendo história alguma, pois cheguei à conclusão de que só poderia narrar pela escrita uma ficção literária, e não uma construção de mitologia/lenda/história oral. Uma narrativa tal qual me propus a escrever precisa preexistir da oralidade, da constituição de uma memória coletiva, da disposição e objetividade de alguém em contar essa história. A lenda da trava leiteira é apenas uma lenda de uma história que nunca chegou a existir. Entretanto, no processo de escrita, confrontei-me com duas pesquisas: "uma relacionada ao corpo patologia – aquele que muitas vezes vira lenda – e outra relacionada às histórias dos rios do

Piauí" (LUSTOSA, 2017, p. 99). Surge então a figura da trava da peste[9], que, como o marinheiro comerciante, viaja e guarda histórias dos lugares por onde passa – os lugares do corpo, e também, tantas vezes, a saída de casa, o abandono, a expulsão. A outra figura é a do cabra macho, que é cisgênero, ou seja, está do mesmo lado do gênero ao qual foi designado ao nascer. A palavra cisgênero, como aponta a psicóloga e professora Jaqueline Gomes de Jesus, foi cunhada pelo próprio ativismo e duramente criticado na academia. O termo "trans" significa além e, a partir do seu antônimo "cis" que significa "do mesmo lado", a militância de pessoas trans criou a palavra "cisgênero", aplicada, por contraposição, às pessoas que se identificam com o gênero designado ao nascer. Essa operação linguística insurgiu contra um saber instituído e compartilhado acerca das identidades de gênero. Portanto, para Jaqueline, cisgênero foi um posicionamento político, que foi arduamente contestado, afinal construções como essa caracterizaram o saber-fazer da norma: – É claro, vocês são os trangeneros e "nós" somos os normais, não temos gênero. (JESUS, 2015)

[9] Referência ao termo utilizado no cordel "Sertransneja", disponível em: http://outraliteratura.com.br/?p=40

Para além do debate sobre as identidades de gênero, há também as figuras associadas ao sertão que atualizam o binômio proposto por Benjamin, onde o retirante é marinheiro, atravessa mundos, atravessa histórias do corpo, vive e vê as injustiças, ouve das histórias das terras. E também onde o ribeirinho vive e encontrou, no rio, seu modo de sobreviver. Alguns inclusive têm seu bar na beira da Lagoa do Parnaguá, onde o porta-copo de isopor é ilustrado por imagens do rio a caneta. Essa fotografia eu tirei num bar nas beiras da Lagoa do Parnaguá (a viagem comentada na conversa do tópico anterior) e, com o passar do tempo, essa imagem me proporcionou uma constituição subjetiva: emancipou-me, abriu portas para o imaginar. A imagem em caneta azul sobre isopor constituiu uma memória que não estava no meu passado nem necessariamente numa verdade factual. A memória não era dada, não era enunciada de forma direta.

O dipolo marinheiro viajante e camponês sedentário reaparece também no baralho cigano, nas cartas do Navio e da Foice, que são numeradas, respectivamente pelo 10 de Espadas ♠ e pelo Valete de Ouros ♦, aos Odús 3 e 10.

O Navio remete a uma energia de mudança, de novos horizontes, de renovação e está associada ao Odú de EtáOgundá, regido pelo orixá Ogum, em que a obstinação

se traduz em mudança, agitação, inconformismo. O 10 de Espadas simboliza desafios e dificuldades a serem enfrentadas. O naipe de copas está ligado ao elemento Ar.

A Foice traz rompimento, transformação, perdas materiais, é uma carta de sinalização e seu Odú é Ofun, regido pelo orixá Oxálufã, qualidade mais velha de Oxalá, de sabedoria, sensibilidade e serenidade. O Valete de Ouros está associado à prosperidade e empreendedorismo. O naipe de ouros está ligado ao elemento Terra.

As articulações Terra-Ar, Retirante-Riberinho, Cis-Trans podem replicar-se infinitamente em diversos contextos, pois apontam para uma questão humana que desde milênios modificou os modos de habitar a natureza.

Leskov usa as lendas de uma perspectiva alinhada às suas ideologias políticas, encontra nelas uma chave para crítica da burocracia ortodoxa, e não é diferente para os outros contadores de histórias mundo afora: a narração deforma mais que informa, induz mais que diz[10].

[10] Outrora discuti sobre essa deformação contida na literatura oral: "(...) em algumas lendas contadas pela minha família, as personagens que envolvem a lenda agem de forma moralmente imprópria e, justo por isso, caem numa situação de fatalidade. A mulher que "engravidou sem casamento", o jovem que mata a mãe, as mães que contam histórias para as meninas não irem para o encontro dos rios... E dentro também desse espectro de contracondutas, estão enquadrados os corpos dissidentes no eito gênero-sexualidade: a puta, a travesti, a bixa e a sapatão são todas motivos bem possíveis de se transformarem em lendas fantásticas." (LUSTOSA, 2017, p. 111). Minha família é católica, em sua maior parte, meus antepassados foram catequizados e para pessoas como eu, as palavras, muitas vezes, reproduzem, inconscientemente, toda essa doma: eu uso a palavra lenda sem problematizá-la devidamente. A língua que eu falo é resultado, dentre

O comum se transforma em sobrenatural, de repente.

A língua se desfaz e se refaz, pois é mais limitada que o pensamento. Questionar um sentido com uma palavra, ou com um emaranhado de palavras. Foi a partir de uma retomada de uma grafia arcaica da palavra história que o linguista João Ribeiro trouxe à discussão o termo *estória*. A história seria a ciência humana que estuda o passado, seria também uma narrativa ligada ao factual, já a *estória* estaria muito mais ligada à fabulação e, portanto, ao que chamamos de lenda, oralidade, causo. Foi Guimarães Rosa, no entanto, quem imortalizou esse uso do termo em seus livros "Primeiras estórias", de 1962, e em "Tutaméia", de 1967, o qual foi subtitulado "Terceiras estórias" e do póstumo "Estas estórias", publicado em 1969. Em sua literatura, a magia da palavra acontecia entre vivência, histórias escutas e escritura. A própria escrita de Rosa assume um caráter místico e insere na escrita ficcional um processo de inventividade popular, perspectiva e múltipla. *Estória* é, portanto, um modo de problematizar essas distinções que são comumente feitas entre saberes de diferentes origens.

Naturalizamos que algumas formas de saber são históricas e outras são mitologia, misticismo, lenda, folclore, superstição. A palavra escrita pode ser pensada, por exemplo, numa polaridade história x ficção, somente a título de compreensão. As lendas não estariam nem de um lado nem do outro, pois sobre esse modo de escrita inventiva não se tem controle, cada boca que conta a lenda reconta a sua história, ela pode inclusive ser narrada como advertência, calca-se em experiências e lugares partilhados pela vivência. E também existe na lenda uma vinculação com o senso prático, com os fenômenos da natureza, com histórias vistas, com a espiritualidade. E, dessa forma, muitas características do que entendemos como história ou como ficção se desmantelam e se remontam na oralidade. É no seu aspecto coletivo e que se expande para todos os lados que podemos identificar uma das suas potências. No entanto, o termo lenda é muito associado a um saber que é contado sem se acreditar na sua verdade, sem comprovação da sua dimensão científica. Renato Yahé vai questionar a atribuição de lenda às entidades da sua

outros elementos, de um extermínio, da escravidão, da transfobia, da expulsão dos povos de suas terras. É resultado também do Jê, do pajubá, e de potências de resistência.

cultura: “Esse mito do kàjre não é uma lenda, ele é história” (LIMA, 2013, p. 185). Surge então outro conceito, o de mito e mitologia, que, no entanto, se separa da História e que geralmente se atribui a culturas não-ocidentais, a culturas desse “outro”. A História da ciência também é limitada, prova disso é que se modifica de acordo com o decorrer do tempo, de acordo com as dinâmicas de poder. Hierarquizar saberes evoca etnocentrismos, xenofobias, racismos, colonialismos.

O Cabeça de Cuia e o velho da Lagoa do Parnaguá são entidades, como minha mãe diz: o povo viu e ainda vê. As duas entidades dão vida aos rios, eles ganham uma perspectiva de sujeito e de interferência na vida da comunidade que o cerca. Eu diria: a entidade do Cabeça de Cuia não é apenas uma lenda, ela é também história e está lá no encontro do rio Poty com o rio Parnaíba. Existe.

Foi na viagem a Teresina que percebi, tanto no Museu do Piauí quanto no encontro dos rios que a história do Cabeça de Cuia, contada há muitos anos pelos ribeirinhos, já não era a mesma[11]. Em termos de categoria, das muitas coisas que se contam, tornou-se a mais conhecida. Ganhou também o aspecto turístico que a ideia de lenda e folclore atrai numa cultura ocidental. É importante pensar que essa cultura está em transformação, não quero portanto definir apenas como maléfica e colonizada as trocas comerciais e o turismo que se aglomeram no encontro dos rios. Isso na verdade é justo uma questão sobre a atualização do modo de vida indígena, por exemplo. A ideia de sociedade isolada, de cultura preservada como antes da colonização é romantizar a existência indígena e retirar sua potencia de transformação, interferência e intercambio cultural dentro de uma sociedade que habita seu mesmo continente. A venda de artesanatos, objetos, o turismo espiritual são formas de sobrevivência de pessoas indígenas que, em muitos casos, também vivem em centros urbanos. Acontece semelhante prática em

[11] Inclusive faz parte do imaginário que atravessa a literatura e as artes locais, criando reviravoltas na história, como no poema de Graça Vilhena publicado na Revestrés, e também no romance do Eduardo Prazeres, que destaca um aspecto importante sobre o Cabeça de Cuia, sua descendência indígena, que aparecem na orelha do livro: “O surgimento lenda se deu nas últimas décadas do século XVIII, mesclando aspectos da fé cristã com antigas crendices de tribos indígenas habitantes da Barra do Poty em Teresina.” (PRAZERES, 2013) É preciso entender que palavras também perpassam às relações de poder: porque o branco tem fé e o indígena tem crendice? A ferida colonial ainda dói.

Teresina, uma ancestralidade indígena, ribeirinha, desfavorecida economicamente se transforma em turismo, o que já não beneficia apenas esta população local, mas abre portas para várias ocupações, produções, intervenções artesanais, artísticas (como é o caso do monumento de Nonato Oliveira)... Apenas viajando, pisando em terras que alguns dos meus ancestrais pisaram há mais de quinhentos anos, foi que constatei: a descolonização não pode acontecer fora da experiência.

As culturas orais vão ser vistas por uma lógica do ocidente como mentalmente atrasadas e a elas são atribuídos títulos como *povos earte primitiva*, *pré-civilização e arte pré-histórica*... Os povos sem escrita já foram vistos como povos sem cultura. Na primeira metade do século XX, o que se observa nos estudos de etnólogos é o comparativismo etnográfico que tentava explicar símbolos pintados há cerca de 30.000 na região da atual França com povos supostamente primitivos australianos e sul-africanos, impugnando um preconceito histórico etnocêntrico para explicar como viviam os humanos milênios atrás (PROUS, 2007, p. 13).

A associação, entretanto, entre esses dois mundos do "outro" para os olhos antropológicos eurocêntricos de dado momento, deu-se no poder ilimitado das fontes de seus objetos de pesquisa: numa sociedade marcada por uma escrita estritamente imagética e oral, o ilimitado não é absorvido, é considerado inferior e primitivo. O saber dessas tradições escapa da ciência, o que não quer dizer que não tenha sua consistência em outros saberes: elas estão calcadas na experiência, e por não terem sido vividas pelos seus pesquisadores não completam seu circulo de força.

A pesquisa sobre o que poderiam significar os objetos deixados pela pré-história diz sobre diz sobre quem pesquisa, a ciência é uma campo de entendimento que não fez parte dos povos que produziram tais objetos, portanto eles perderam seu elo. Hoje podemos supor sua função prática, mas e se não for o caso? O que podemos dizer das pinturas rupestres? A magia não existe sem a fé e o fio juntos. Não existe pré-história, existe história: temos a escrita mas não temos mais os agentes dessa comunicação.

Essa ponte de contato com objetos deixados em tempos muito remotos é feita espiritualmente pelos Krahô, que, através de machadinhas de tempos milenares místicos, evocam cantos pegos desses seres antepassados, animais, plantas que cantavam com as machadinhas (kàjre, na língua Krahô)... (LIMA, 2013, p. 185). Encontrei algumas machadinhas também datadas de milênios no Museu do Homem Americano em São Raimundo Nonato e no Museu do Piauí em Teresina, na capital piauiense.

Narrar é saber continuar. Para continuar, sabedorias como trançar o cabelo (e esse saber não é meramente estético), como pintar a pele com jenipapo (e cada pintura é correspondente a um momento, uma expressão, uma etnia, de modo que, inserida na tribo, pintar-se de jenipapo, urucum e a forma do seu geometrismo tem funções espirituais determinadas), como cozinhar (do que a terra dá, do que se planta e colhe, do que se caça e mata), como conhecer os ancestrais, a história do seu povo – como e porque estamos aqui, como e porque continuaremos esse trajeto na terra dada por Pachamama.

A exclusão do senso prático reforça o privilégio colonial e masculino – exclui o trabalho doméstico da economia produtiva do trabalho, lega esse trabalho doméstico a empregadas ou às mulheres da família; separa as pessoas de acordo com suas classes sociais desde a infância, isolando as crianças da elite em suas escolas, condomínios, shoppings daquelas pobres e moradoras de periferias e favelas, as que desde pequenas já assumem grandes responsabilidades.

Davi Kopenawa destaca que não aprendeu a pensar as coisas da floresta a partir da palavra escrita, “com os olhos fixados em peles de papel”, o modo ocidental de se

reconhecer o conhecimento. Ele viu-as "de verdade, bebendo o sopro de vida de seus ancestrais com o pó de *yãkoana* que me deram." (KOPENAWA, 2015, p.76)

Eu conheci o rapé na Aldeia Maracanã, e certa vez, após fazer uso da substância, ouvi muitas vozes e não passei bem, caí ao chão e as vozes me diziam que eu deveria voltar para a minha terra já, elas gritavam isso várias vezes junto com outras coisas que não entendi muito bem, e eu pude perceber como os espíritos das florestas estão furiosos, como Kopenawa comenta diversas vezes no seu livro.

Para Benjamin, a morte da narrativa está diretamente associada à perda do senso prático dentro de uma sociedade vivendo em guerra, em que o capital ganha centralidade e poder divino, esfacelando os vínculos sociais.

A morte da narrativa oral significa, no entanto, o surgimento de dois tipos de narrativa: a informação e a ficção. A informação transforma a memória em mercadoria, é imediatista e se esgota no momento da leitura, por ser demasiado objetiva (pretendendo aparentar uma neutralidade) e desligada de uma posteridade e continuidade de si. A ficção, no caso é o romance, e também aponta para uma morte da narrativa no sentido de que se baseia no indivíduo isolado, no livro e não na oralidade, na circulação burguesa e não na vivência poéticas das epopeias.

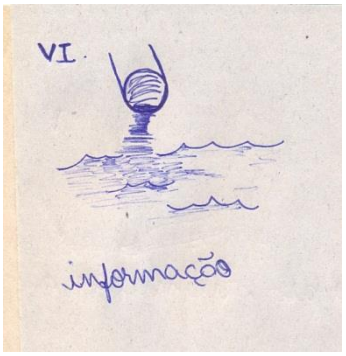
O livro dá corpo ao romance e possibilita, assim, sua difusão. Benjamin separa o romance da narrativa e, nessa distinção, entende a poesia épica como patrimônio da tradição oral, portanto, da potência de narrar. A tradição oral está na poesia épica, e, pensando num contexto brasileiro, se replica nas escutas orais, como nas

imagens da tradição indígena[12] e em culturas regionais híbridas (multiculturais), como na literatura de cordel. A difusão de livretos na região do Nordeste do Brasil, a literatura de cordel, aponta para um intercâmbio entre escrita e oralidade.

O cordel vem da fala. Desde o início, seus versos seguiram uma métrica baseada no ritmo, se assemelhando às disputas entre os violeiros. A disputa chamada "peleja" já foi traduzida para os versos escritos, intercambiando duas linguagens, a da cantoria, que nasce da voz e a do cordel, que nasce do papel.

As falas periféricas, quando se manifestam artisticamente, são consideradas artes menores. Assim acontece com o funk, com o cordel, e com a arte popular de um modo geral. Na literatura de cordel, historicamente houve um espaço de escrita e publicação das classes populares, dando voz à regionalidade através de uma produção de baixo custo. O preço de venda de um cordel é muito baixo, sendo uma literatura acessível e de maior circulação entre leitores com baixa renda. Nesse recorte, muitas são as personagens das histórias contadas nos folhetinhos: escravos, proprietários de terras, coronéis, prostitutas, cangaceiros, lendas, índios, caboclos, reis, violeiros, trabalhadores... O cordelista, não é um indivíduo isolado, como Benjamin atribui ao romance. Pelo contrário, a figura do cordelista pode ser marcante em determinados contextos, como dentro da vida nas pequenas cidades. Muitos poetas dedicaram-se a versificar os fatos diários, tanto através de ficções quanto de modo quase jornalístico – os chamados folhetos circunstanciais relatavam os acontecimentos mais recentes, geralmente, da cidade –, além dos cordéis de caráter histórico. E isso, numa comunidade, não é pouca coisa...

[12] "Se escutarem com atenção as nossas palavras, talvez os brancos parem de achar que somos estúpidos. Talvez compreendam que é seu próprio pensamento que é confuso e obscuro, pois na cidade ouvem apenas o ruído de seus aviões, carros, rádios, televisores, e máquinas. Por isso suas ideias costumam ser obstruídas e esfumaçadas. Eles dormem sem sonhos, como machados largados no chão de uma casa." (KOPENAWA, 2015, p. 76)



A Biblioteca de Babel, ficção do argentino Jorge Luis Borges, discute sobre esses escombros de uma sociedade que se asfixia na palavra escrita. Nessa infinita biblioteca, todos os livros possíveis estão enfileirados em prateleiras das incontáveis galerias hexagonais. O personagem principal do conto é a Biblioteca, e a sua descrição vai entrando em efeito labiríntico que é a sua própria complexidade tautológica: ela cria guerras e desorganiza a humanidade por ser completa, por carregar todas as possíveis línguas desde "um dialeto samoiedo-lituano do guarani" até idiomas inauditos produzidos ali pelos livros em combinações infinitas de palavras, letras e caracteres. A crise deflagra-se também pela visão do narrador:

> "A certeza de que tudo está escrito nos anula ou faz de nós fantasmas. (...) Talvez a velhice e o medo me enganem, mas suspeito que a espécie humana – a única – está em vias de extinção e que a Biblioteca perdurará: iluminada, solitária, infinita, perfeitamente imóvel, armada em volumeis preciosos, inútil, incorruptível, secreta."
>
> (BORGES, 2007, p.78)

Num outro momento das transformações tecnocientíficas, Benjamin já apontava para uma crise na narrativa, com a difusão da informação. Em tempos de circulação de informações via internet, o tecido comunicativo se complexificou em incalculáveis camadas: não há controle sobre informações, sobre onde elas chegam e como são usadas. O efeito da globalização reformulou as noções de centro-periferia: em Corrente ou em Frankfurt o acesso à rede é possível da tela de um celular. Esse capitalismo cria uma sociedade tecnocientífica, que entra em crise

com o tempo, com o trabalho, com a narrativa, com os vínculos sociais e com a informação. O tempo é fragmentado: a indústria veio com a serialização e alienação do trabalhador, e Benjamim observa na troca do trabalho manufaturado pelo maquinofaturado a perda do fazer com a mão. Mais recentemente, o capitalismo financeiro veio com monopolização internacional do capital em multinacionais, que vão decidir, por exemplo, sobre os recursos naturais de um local isolado dos grandes centros.

A energia do Brasil provém majoritariamente de uma matriz de hidrelétricas, que é propagada como uma fonte de energia limpa[13], mas que, no entanto, aponta para muitos problemas sicioambientais. As hidrelétricas estão diretamente ligadas à economia brasileira, que é agropecuária, as hidrovias e também as ferrovias construídas ao lado dos territórios demarcados por elas servem para o escoamento da agroindústria.

A informação, a tecnologia, a luz, entretanto, não chegam a todas as casas do interior do Piauí. E existe nessa contradição o que circula entre cidade e roça: as histórias, as lendas, os causos, a vida privada, os cantos, as religiosidades populares, que foram durante muitos anos transmitidas oralmente de uma geração para a outra. A transmissão oral é substituída pelo atrativo da informação rápida. A narrativa oral está em processo de morte – pelo menos da forma como ela existia e circulava não tende a se replicar. Existem lendas que são tão peculiares a um grupo social (que pode ser uma família ou uma região de uma pequena cidade), que a sua possibilidade de sobrevivência em tempos cibernéticos é mínima se comparado a lendas que já viraram cordéis e narrações escritas em redes sociais, revistas blogs.

[13] "O Brasil possui a matriz energética mais renovável do mundo industrializado com 45,3% de sua produção proveniente de fontes como recursos hídricos, biomassa e etanol, além das energias eólica e solar. As usinas hidrelétricas são responsáveis pela geração de mais de 75% da eletricidade do País. Vale lembrar que a matriz energética mundial é composta por 13% de fontes renováveis no caso de Países industrializados, caindo para 6% entre as nações em desenvolvimento." http://www.brasil.gov.br/noticias/meio-ambiente/2010/11/matriz-energetica

Deus, o capital, a mercadoria. Ainda que algum (ou alguns) tenha(m) morrido, para a filosofia ocidental, no sertão ainda estão todos muito fortemente simbolizados. O ciclo boi significa a expansão da colônia, e ele foi responsável por inserir áreas totalmente remotas no alcance da cultura ocidental.

O rio alimenta vidas em suas beiras. E os rios padecem com a transformação da cidade, com a irresponsabilidade e a perda dos princípios da terra: o lado colonizador supera as outras ancestralidades, a cidade mata a floresta, mata o rio, mata o próprio equilíbrio da comunidade[14].

Uma viagem no tempo no sertão nordestino: alguns dos vestígios humanos mais antigos já datados e registrados da América estão no interior do Piauí, onde a regra é a precariedade e justamente onde somos estereótipos do fim.

> A teoria mais difundida sobre o povoamento das Américas dizia que os primeiros humanos teriam chegado ao continente pelo Estreito de Bering, entre a Rússia e os Estados Unidos, por volta de 12 mil anos atrás. A arqueóloga brasileira NièdeGuidon, porém, encontrou no Piauí vestígios de fogões primitivos e utensílios de pedra lascada (material lítico) utilizados por caçadores há mais de 100 mil anos. Esses vestígios de presença humana foram descobertos em escavações arqueológicas feitas principalmente junto a abrigos rochosos naturais com muitas pinturas rupestres, no Parque Nacional Serra da Capivara, no Piauí, declarado Patrimônio Mundial pela UNESCO. Em reconhecimento ao seu trabalho, no dia 7 de

[14] "Cidades, regiões e povoações em recorrente estado de crise hídrica aumentam a passos largos no Brasil. Resposta da natureza violentada pela economia predatória que, desde a colonização branca até os atuais projetos neodesenvolvimentistas de fomento à mineração e ao agronegócio, é mantida em nome da ordem e do progresso. A destruição dos rios legitimada pelo crescimento econômico se tornou uma espécie de fatalidade social, como se fosse inevitável a transformação dos rios em esgotos. (BRANTES, 2017, p. 14)

> junho, o Museu do Amanhã receberá a arqueóloga para uma homenagem às mulheres na ciência. A presença feminina na Ciência - Homenagem a NièdeGuidon, acontece das 14h às 18h, aqui no nosso Auditório.
>
> Niéde chegou ao Piauí em 1973, enquanto pesquisadora do Centre National de La RechercheScientifique em Paris, e nunca mais saiu da região. Além de sacudir as teorias da arqueologia tradicional, ela fundou o Parque Nacional da Serra da Capivara, um conjunto de chapadas e vales inscrito pela Unesco na lista do Patrimônio Mundial.
>
> Prestes a completar 40 anos, o parque guarda mais de 100 sítios arqueológicos com pinturas e gravuras rupestres, além de outros vestígios que marcam a presença dos ancestrais. O espaço, atualmente, é administrado pela Fundação Museu do Homem Americano (Fundham), entidade presidida pela arqueóloga.
>
> (MUSEU DO AMANHÃ, 2018)

Na descrição da homenagem feita a Niède, no Museu do Amanhã, foi destacado, portanto, o aspecto da participação feminina na ciência, e após a conversa com Niède, houve uma mesa com essa pauta específica. Quando comecei a pensar as pinturas rupestres da Serra da Capivara, não pude conter minha curiosidade sobre como o povo da região via aquelas pinturas. Tanto que, durante o momento aberto para perguntas foi justo sobre isso que perguntei a Niède:

> MEDIADOR – Seu nome, de onde você é e o que você faz?
>
> TERTULIANA – Meu nome é Tertuliana, eu sou estudante de história da arte na UERJ, também faço uma pesquisa junto ao laboratório de criações sonoras, CriaS, e eu venho do interior do Piauí, de uma cidade chamada Corrente, que fica ali no sul do Piauí, mais ou menos na divisa com a Bahia e eu vim aqui para estudar na UERJ, nessa história de muitos nordestinos que vêm para o sudeste buscar uma universidade. E a minha pesquisa de graduação está sendo sobre a Serra da Capivara, e eu pretendo ir em agosto. O nome já diz pré-história, aquilo que está antes da história. Então, a história oficial começa com a escrita que, supostamente, para um contexto imperialista que criou esse nome seria o momento em que surgiriam as primeiras evidências factuais, os fatos históricos eles são escritos. Só

que em história da arte e também com a pesquisa que eu venho fazendo com culturas populares, eu acredito que tanto a cultura oral quanto as pinturas rupestres são evidencias de uma história sim, não simplesmente coisas pré-factuais, coisas que não são fatos. Só que a oralidade, as pinturas rupestres e toda essa arte que não é essa arte escrita, elas nos escapam, o que não é, necessariamente, um motivo para não pesquisarmos, muito pelo contrário, eu acredito que esse é um motivo para gente devanear por outros caminhos, outras formas de pensamento, pensar outras estéticas que não sejam aquelas que tragam interpretações claras e definitivas sobre as coisas. Enfim... enquanto vinda desse estado, de uma cidade ali próxima que é a cidade de Corrente, eu acredito que o nosso estado vive uma situação de precariedade muito grande por ser o estado brasileiro com mais pessoas analfabetas e ser o segundo estado mais pobre do Brasil. Para mim fazer uma universidade no Sudeste é um grande privilégio, apesar de toda a xenofobia que a gente sofre aqui no Rio de Janeiro e de todas as dificuldades que a gente passa aqui também... E eu queria saber assim, porque eu já iniciei na minha cidade essa pesquisa, de lendas, histórias que explicam fenômenos da natureza, que explicam não, mas que dialogam com esses fenômenos da natureza, que dialogam com a questão dos rios, o nome da minha cidade é Corrente por causa do Rio Corrente, que é um rio que como o Rio Doce e uma série de outros rios estão vivendo cenários de fluvicídio. Em todo o território nacional nós vivemos essa problemática que é o fluvicídio, que é o esgotamento das nossas riquezas naturais. Como no cerrado, no meio da caatinga vai existir a possibilidade de se erguer uma cidade, de se viver em comunidade? É através muitas vezes dos rios, então por isso que muitas vezes as cidades têm nome de rios. Então a minha pesquisa ela se passa um pouco eu enquanto a pesquisadora travesti. Estar nesse lugar fazendo esse tipo de pesquisa já é uma questão, então achei super pertinente pensar essa presença feminina. E a minha pergunta é um pouco sobre o início de quando vocês chegaram pra fazer essa pesquisa, se haviam histórias sobre essa Serra da Capivara, de como era essa recepção não necessariamente científica. O que eu tenho pensado sobre a arte no Piauí é muito sobre cordéis, lendas e sobre essa visão da oralidade, e daí eu queria saber como que estava essa oralidade lá na Serra da Capivara, no caso lá em São Raimundo Nonato e em regiões, o que se falava sobre isso e também imagino que a chegada deve ter sido de grande impacto

para a cidade, muitas expectativas, enfim, eu queria saber um pouco sobre esse momento inicial desse contato?

NIÉDE – Como eu comecei... acontece que eu trabalhava no museu do Ipiranga, em São Paulo, na USP, e organizei lá uma exposição sobre arte rupestre no Brasil em julho de 1963. Naquela ocasião se conhecia somente a arte de Minas Gerais e uma pessoa que visitou a exposição pediu para falar com o responsável, daí me chamaram e esse senhor me disse: "olha, perto da minha cidade, lá no sul do Piauí, também tem esses desenhos de índios". E me mostrou umas fotografias. Eu vi e vi que eram completamente diferentes das de Minas Gerais, pedi a ele informações, onde era, que cidade era, como chegar até lá e no mês de dezembro peguei o meu carro e saí de São Paulo rumo ao Piauí, mas tinha chovido muito e uma ponte do São Francisco alagou e não pude passar. Depois veio 1964 e eu tive que ir embora pra França. Mas aquelas fotografias tinham ficado na minha cabeça e em 1970 eu vim numa missão francesa aos índios de Goiás e quando eu terminei o trabalho em Goiás eu disse: agora eu vou até a Serra da Capivara – aliás, não disse Serra da Capivara, disse até o Piauí. E fui até lá, consegui chegar na cidade que ele tinha indicado, conversei com pessoas que me mostraram cinco sítios com pinturas que ficavam na beira de uma estrada. Eu fotografei e foi então que eu consegui com essas fotografias recursos na França para vir fazer uma pesquisa, e vim em 1973 com meus alunos e nós conseguimos em mês de trabalho fotografar cerca de 100 sítios com pinturas e com base nisso é que nós apresentamos ao governo francês a importância da região e em 1975 a França criou a missão permanente do Piauí, que é financiada sempre pela França e que então garante todos os anos a vinda de uma equipe francesa que trabalha aqui durante um mês e meio. Certo? Era isso? Então foi isso que organizou toda a pesquisa na Serra da Capivara.

Benjamin fala de como uma história do antigo Egito sobreviveu, depois de milênios, e ainda suscita espanto e reflexão. (BENJAMIN, p. 220) Do mesmo modo, a imagem desenhada nos paredões de pedra ainda geram dúvidas que vão para além da do campo da arqueologia, paleontologia e das ciências que se debruçam sobre o caso da Serra da Capivara.

Com a propaganda de um mundo que não pode parar, o tédio e o bucolismo do interior são motivos para alguns aspirarem grandes cidades. O tédio, entretanto, fez alguém fotografar pela primeira vez os "desenhos de índios", desloca-los para uma grande cidade, São Paulo, onde uma pesquisadora com portas abertas no exterior conseguiu atrair olhares da ciência, com verbas, transformando para sempre a região.

O trabalho manual é substituído pela máquina, depois pelo robô. E uma história contada ainda é mais dificilmente capaz de transportar uma escuta que escapa de si. A história oficial da ciência, a datação das pinturas pré-históricas, a indústria, a exposição sobre arqueologia, tudo isso importa mais ao capitalismo que determinadas histórias tecidas por milênios naquela mesma região. O rio também importa menos. E existe ainda uma questão que é mais dura que essa. O povo importa menos.

> ANTONIEL – Mas esse trabalho que tu ta fazendo tu tem autorização do Parque?
>
> TERTULIANA – Autorização do Parque?
>
> ANTONIEL – Para fazer a sua pesquisa. Tem todo o tramite legal pra fazer...
>
> TETRTULIANA – Tenho sim.
>
> ANTONIEL – Pronto, é assim: NièdeGuidon vem aqui exatamente através das pinturas que foram mostradas a ela no museu de São Paulo e ela viu que as pinturas aqui eram totalmente diferentes das pinturas que ela conhecia na Franca e na África. E ela tava fazendo uma exposição com as pinturas em minas gerais. E uma pessoa da região, muitos ate falam que era um prefeito de Petrolina, porque aqui já era caminho, muito antes de ser Parque a estrada principal passava exatamente de dentro de onde hoje é o Parque. As pessoas já conheciam as pinturas e aquela coisa toda. Ai esse prefeito tava em São Paulo visitando

familiares e passando do lado do museu viu aquela exposição, encostou e falou: na minha região também tem esses bonequinhos ai, esses neguinho. Ai uma pessoa que estava organizando o evento com a Niède falou com a Niède, e a Niède fez algumas perguntas a ele. Perguntou se ele tinha algumas fotografias, ele disse que sim. Aí quando ele mostrou ela viu que eram diferentes as pinturas, tinham narrativas diferentes, apresentavam dinâmicas diferentes. E ela pegou algumas informações com ele de como chegar aqui, nesse tal de Piauí, desconhecido. Na época, a Niède já estudava na França e ela voltou pra França, quando foi na década de 70 ela veio fazer um trabalho com os indígenas em Tocantins e depois que terminou o trabalho ela ficou com aquilo na cabeça de chegar lá nesse Piauí, de conhecer essas pinturas de perto. E ela veio, convidou um pessoal da equipe que estava e só uma pessoa teve coragem de vir com ela. Estavam vindo e quando chegou próximo a Casa Nova, onde passa o Rio São Francisco, tinha uma ponte quebrada, não conseguiu chegar. Voltou novamente lá, foi pra São Paulo, foi pra França e só no ano seguinte ela conseguiu chegar até aqui. Conheceu as pinturas de pert, ela conheceu cinco sítios arqueológicos e viu que as pinturas realmente eram diferentes. E ela começou a pesquisar se já tinham feito algum trabalho, alguma coisa feita sobre essas pinturas, e não tinha nada publicado, não tinha coisa alguma. Então ela reuniu a equipe, conseguiu com o governo da França já na época de 73 que era pra fazer um estudo mais amplo na região e nesse estudo ela conheceu 50 sítios arqueológicos e viu a realmente necessidade de se criar uma reserva permanente no local. Isso muito por conta das pinturas rupestres, das formações rochosas, que é uma formação com uma beleza cênica sem igual e um dos motivos que motivaram eles para criar essa reserva foi o tipo de bioma, a catinga, foi uma das coisas que mais motivaram, porque até então não se tinha nenhuma reserva no Brasil voltada para a preservação da caatinga. Aí elaboraram todo o projeto, levaram para o governo e no dia 25 de junho de 1979 o governo criou o Parque Nacional da Serra da Capivara.

TERTULIANA – E a terra desapropriada foi nessa época?

ANTONIEL – Nessa época eles criaram, como Niède costuma falar: no Brasil eles costumam criar o parque no papel, só criam e deixam lá, já acham que está tudo perfeito, tudo bonitinho. Daí eles criaram o Parque e as pessoas moravam lá, então naquela época, 1979 era ditadura, a partir do momento que se publicava um

decreto, as pessoas automaticamente teriam que deixar aquelas terras. Então o governo começou o processo de indenização, primeira coisa que ele pedia: o título da terra. Ninguém tinha documento dessas terras, aí o que o governo pagaria? Pagaria apenas uma benfeitoria pelo que a pessoa tinha naquela propriedade, é uma roça, um poço, uma água, uma plantação, só dava aquele valor, que era mínimo e algumas pessoas não aceitavam aquele valor, por isso que até hoje tem processo judicial rolando.

TERTULIANA – Entendi... É, porque tem uma questão também, por exemplo: como é que que uma comunidade indígena, uma comunidade quilombola vai provar que é dono da terra, se muitas vezes para essa comunidade o Brasil nem chegou, nem existiu. Então, também aqui as pessoas são muito descendentes de indígenas, na minha cidade também, a maioria das pessoas são. E muitas dessas terras que são indígenas elas foram passadas para essas pessoas, e não é através do papel, o índio não se comunica pelo papel, se comunica pelas pinturas...

ANTONIEL – Pois é, e até hoje tem essa questão que hoje o ICMBio está com a política de pagar todas essas pessoas, inclusive agora, do ano passado para cá eles têm pagado muita gente. E disse que tem dinheiro pra isso, eles estão em cima para resolver essa questão, porque também é até uma forma das pessoas verem o Parque de uma forma diferente, porque, de certa forma, existe uma mágoa de algumas pessoas, queira sim, queira não, existe uma mágoa de algumas pessoas. Aí o Parque foi criado em 1979 e reconhecido pela UNESCO em 1991, como patrimônio cultural da humanidade, aí a partir daí se começou a receber os recursos e temos o privilégio de falar hoje que a Serra da Capivara está com uma das melhores estruturas de parques nacionais do Brasil. A estrutura do Parque é uma estrutura fantástica, você vai ver durante esse dia que a gente está caminhando aqui que a estrutura do Parque é uma coisa de primeiro mundo, os sítios bem estruturados...

TERTULIANA – E qual é a área dele?

ANTONIEL – 130 mil hectares.

Antoniel da Silva Santana é um dos condutores credenciados do Parque Nacional Serra da Capivara, desde 2006, e na ficha dos condutores[15], constam essas informações a seu respeito: Cursos de Formação/Atualização de Condutor (2012); Formação e experiência como Guarda; Morador do entorno imediato do Parque; Cursos afins à atuação com turismo.

Tive a sorte de ter uma ajuda super importante da Prfa. Vera Beatriz Siqueira, que enviou uma carta de contato com a Serra da Capivara.

		Nonato)						Morador do entorno imediato do Parque
Antoniel da Silva Santana	89 8108-8706	ACOVESC (S. Raimundo Nonato)	X	X	X	X	2006	Cursos de Formação/Atualização de Condutor (2012) Formação e experiência como Guarda-Parque Morador do entorno imediato do Parque Cursos afins à atuação com turismo
Antonio Libório de Freitas		DETUR (S.					1993	Cursos de Formação/Atualização de Condutor (1993,

Só pra não dizer que eu esqueci, tem o projeto de cerâmica pros bofe. As mapoas trabalham na loja vendendo as cerâmicas, na portaria da entrada do sítio. "E as travestis?" perguntei eu e Mãe Lu do Petisco (LUSTOSA, 2016, p. 404). Por onde desbandam?

.riopoti

no Parnaíba ouvi que tomam muito banho também no Poti.

.rioparnaíba

os bofes ficaram em pânico com a trava banhando no rio.

.rioparaim

onde habita Miridam, a índia do rio.

[15] Disponível em http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/visite-os-parques/condutores_credenciados_parna_serra_da_capivara_maio2018.pdf

.lagoa do parnaguá

lugar turístico do circuito beira-rio piauiense.

.rio corrente

onde há o homem que vira pneu.

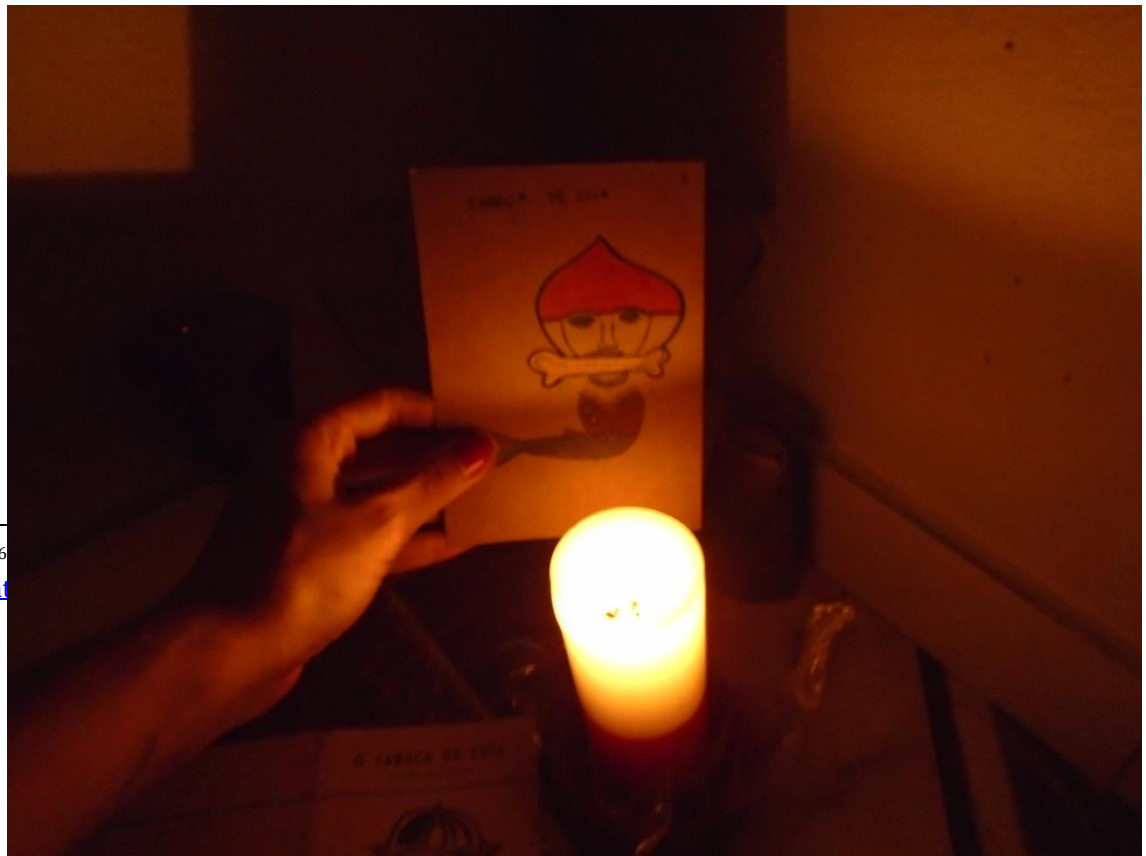
.riopiauí

críticas levantadas pela arte urbana em São Raimundo Nonato e a presença da espiritualidade afro-indígena nas religiões de matrizes afro-brasileiras aparecem nas pinturas e na arte urbana, de onde fulgurou o meu diário de campo que fui atualizando online no meu site.

E(X)U CABEÇA DE CUIA[16]

Se és homem, tens que ir.

Eu nunca tive medo do Crispim, ou melhor, do Cabeça de Cuia. Nem mesmo depois de me tornar Maria, muitos anos depois de ouvir falar sobre ele pela primeira vez – nem lembro quando foi ao certo. Encontrei o cordel do Juvenal Evangelista perdido na estante do meu avô de Jequié, e foi como um presságio: algum tempo depois



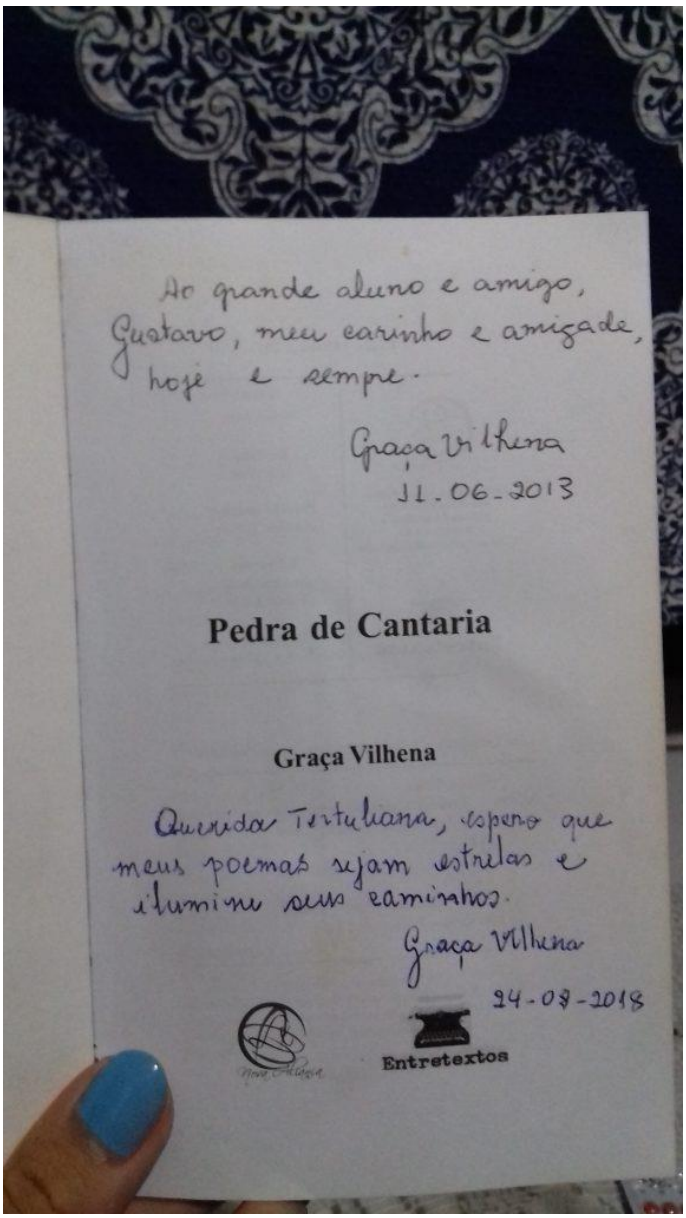
16
ht

aquele cordel viraria carta, junto com outros livrinhos da minha corda. A carta de odú 1 – Exu.

O Cabeça de Cuia é contado como esse monstro que precisa comer sete Marias na lua cheia para desfazer a praga da sua mãe. Eu, na lua cheia do dia 26 de Agosto de 2018 estarei lá no encontro dos rios Poty e Parnaíba. E estarei armada. Por enquanto, ainda me encontro nas favelas do Rio de Janeiro, é dia de jogo do Flamengo e mantenho minha umbigueira amarrada na cintura por recomendação da minha yalorixá, e não vou retirá-la por todo o mês de agosto.

Quando contei para minha mãe que iria encontrar o Cabeça de Cuia, ela logo disse: Cabeça de Cuia é tu. O que menos falta por lá é cabeça de cuia... Vai bestar em Teresina ein... Depois falando sobre lua cheia, ela me contou de um rapaz de Corrente que xingou – ou matou (ela não tem certeza) – a mãe e que ela, por sua vez, jogou uma praga no filho: toda noite de lua cheia ele virava pneu e minha mãe, na época criança, não saía de casa com medo.

8 de Agosto



Graça Vilhena disse que matou o Cabeça de Cuia.

Dadinha Leal pintou Num Se Pode.

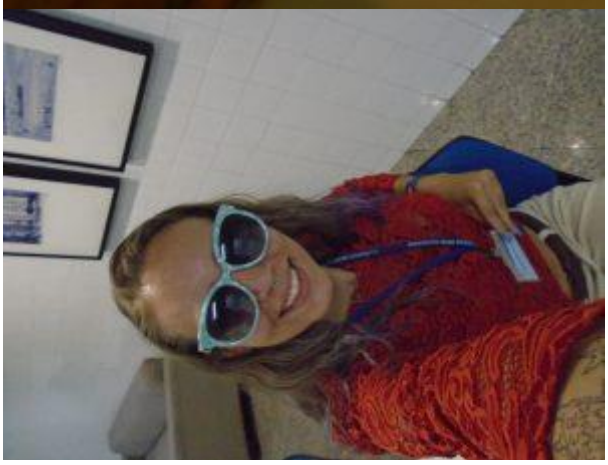
Genivaldo Costa, Jota Silva, Avelar Amorim, Miridam, Cabeça de Cuia, Num Se Pode.

A gente escreve como a gente fala.

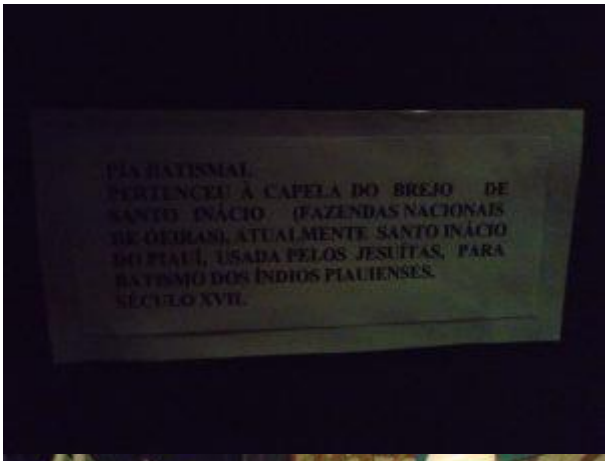
Faltam menos de dois dias para a lua cheia, ainda é madrugada e, portanto, faltam ainda mais luas que dias.

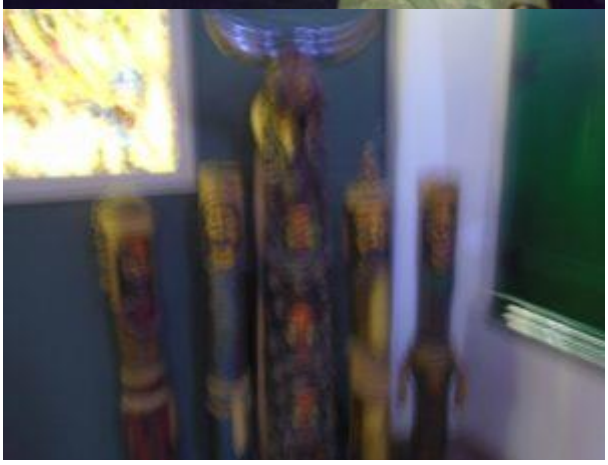
A seguir, reunião de imagens da viagem que dei uma olhada hoje. As Machadinhas de que estão na região de Caracol, Piauí, milenares que a etnia Krahô usa como objeto (kàjre), história, saberes através do som: o som ouvido pela história dos machadinhos e o som que é o canto resultante disso. Dos kàjre que Camila Aranha me apresentou.

Pedra de Cantaria



EGROS
MARINHEIRO MIMBÓ


PIA BATISMAL
PERTENCEU À CAPELA DO BREJO DE
SANTO INÁCIO (FAZENDAS NACIONAIS
DE OEIRAS), ATUALMENTE SANTO INÁCIO
DO PIAUÍ, USADA PELOS JESUÍTAS, PARA
BATISMO DOS ÍNDIOS PIAUIENSES.
SÉCULO XVII.



TAMBOR DE CRIOLO

CABECA DE CUIA

Amanhã tomarei um banho no encontro dos rios Poti e Parnaíba, já é de tarde e o sol está rachando.

25 de Agosto

"Cobra canianana fica bem aí, vem lá do Maranhão."

"Jiboia não tem veneno? Pois fica! Ela se enrola todinha no caba e mata sufocado."

"Diz que quando gente morre a tatuagem fica pra sempre. É coisa do demo."

"É viado!"

"É viado? É sim! É não, tá é tirando foto do piriquito."

"Cabeça de Cuia é uma estátua."

26 de Agosto

Prestes a deixar Teresina, eu e meu primo avistamos a casa do vizinho pegar fogo. Na estrada para São Raimundo Nonato, vários incêndios na mata. E na poltrona 7 do ônibus da empresa TransPiauí, eu lia Rio Subterrâneo, de O.G. Rego de Carvalho:

> "Lucínio detém-se à porta do quarto, ébrio pela magia das sombras que o envolvem. Ruídos estranhos dominam a noite: chuva no telhado, biqueiras caindo na pedra, fora das latas; ressonâncias de folhas que se agitam, de porcos que grunem, pios de aves agourentas, soluços perdidos (quem chora?); cabeças-de-cuia que gemem à flor das águas inquietas - assombrações do rio."
>
> (CARVALHO, 2017, p.17)

27 de Agosto

Em São Raimundo Nonato estão acontecendo as festas do padroeiro da cidade, que durarão a semana inteira. Próximo ao Real Hotel - onde estou hospedada -, existe o Rio Piauí, que é intermitente e que estava seco, era possível escutá-lo, no entanto.

Do hotel até o Museu do Homem Americano, me chamou atenção um universo de grafites e pixações espalhados pela cidade. Lembrei no caminho que minha professora havia dito que se pegar alguma pedra em São Raimundo Nonato, a pessoa tem que devolver para o mesmo lugar onde pegou. Itá é pedra em tupi...

SEU MACHISMO
MEI FAZ SANGRAR
EXU NÃO É
DEMONIO

VALORIZE
O QUE É
NOSSO

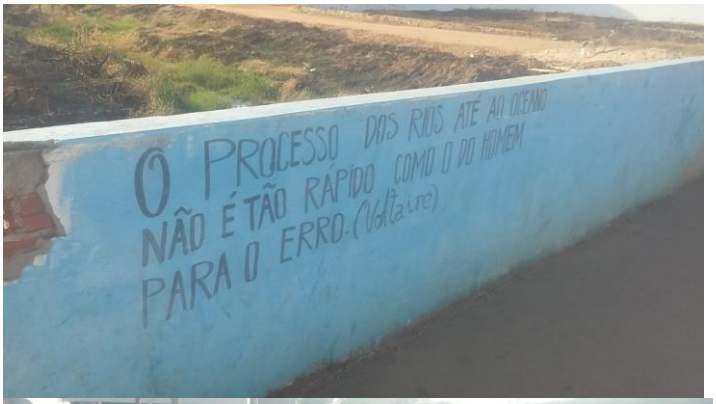
ARQUEOLOGIA
P/ QUEM!

No Museu do Homem Americano, novamente me deparo com um machadinho datado de mais de três mil anos.

28 de Agosto

É chegado o último dia desse diário. Com Antoniel, guia e morador nascido na região da Serra da Capivara, imergi nesse rio de milênios atrás, quando a região possuía um clima tropical úmido e não semiárido. Eram rios imensos, e por ali o mar passou até uma mudança topográfica realizada pelos movimentos das placas tectônicas.

Mãe é sagrada. No caminho para o Parque Nacional Serra da Capivara, Iemanjá e suas águas...



Foram centenas de fotos de pinturas rupestres, datadas entre três a doze mil anos atrás, no entanto, para este diário, coube apenas uma. Exu é tempo. E finalizo aqui com um Laroiê.

LaroiêEsú! MojubáEsú!

29 de Agosto

Urutau Guajajara, meu professor de tupi, da Tekoa Maracanã, meu maior mestre e meu pajé me contou que a machadinha surge de debaixo da terra, quando cai um raio. quando cai um raio, o povo vai pra rede e balança de um lado pro outro. o raio abre o chão afundando a machadinha e ela vai subindo com o passar dos anos e se pega a machadinha.

14 de Setembro

BIBLIOGRAFIA

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e a história da cultura*. São Paulo, Brasiliense, 2012.

BORGES, Jorge Luis. *Ficções.* São Paulo: Companhia das letras, 2007.

BRANTES, Eloisa. *Chegando na boca do rio.*In: ÁVILa, Evee; SOUTY, Jérôme. *Foz Afora.* Rio de Janeiro: Coletivo Liquida Ação, 2017.

CARVALHO, O. G. Rego de. *Rio Subterrâneo.* Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1995.

JESUS, Jaqueline Gomes de. *A verdade cisgênero.* Disponível em: http://blogueirasfeministas.com/tag/jaqueline-jesus/

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami.* São Paulo: Companhia das letras, 2015.

KRUST, Matheus A. *Mitologia do Indivíduo: autobiografia, relato e outras ficções.* Rio de Janeiro: UERJ, 2018.

LIMA, Ana Gabriela Morim de. *Uma biografia do kàjre, a machadinha Krahô.* In *A alma das coisas: patrimônio, materialidade e ressonância.* Org. José Reginaldo Santos Gonçalves, Nina Pinheiro Bitar e Roberta Sampaio Guimarães. Rio de Janeiro: MauadX :Faperj, 2013.

LUSTOSA, Tertuliana. *A lenda da trava leiteira.* Salvador: Revista Periodicus, 2017.

LUSTOSA, Tertuliana. *Manifesto traveco-terrorista.* Rio de Janeiro: Revista Concinnitas, 2016.

MANICONGO, Coletivo Xica. *Cordel Sertransneja*. Disponível em: www.outraliteratura.com.br/?p=40

MUSEU DO AMANHÃ. Disponível em https://museudoamanha.org.br/pt-br/a-presenca-feminina-na-ciencia-homenagem-a-niede-guidon

PRAZERES, Eduardo. *Crispim e a Sétima Virgem*. Teresina: Fundação Dom Quixote / SIEC, 2013.

PROUS, A. *Artes pré-históricas do BrasilI.* Belo Horizonte: C / Arte, 2007.

SILVA, Sara/Elton Panamby Rosa da. *Perenidades, porosidades e penetrações: [trans]versalidades pela carne.* Rio de Janeiro: UERJ, 2016.